

O PAPEL DA FORMAÇÃO DOCENTE NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR EM AMBIENTES ESCOLARES INOVADORES

Simone Martins Trevisan¹.

University of North Texas, Programa de Doutorado em Educational Leadership, Denton, Texas, US.

<https://lattes.cnpq.br/0625932210098146>

RESUMO: A arquitetura escolar tem sido amplamente reconhecida como um fator que influencia diretamente o bem-estar e a aprendizagem. No entanto, a simples criação de ambientes inovadores não garante práticas pedagógicas transformadoras. Este capítulo discute o papel da formação docente como elemento central na promoção da saúde e do bem-estar em ambientes escolares inovadores. A partir da análise de dois contextos contrastantes – a *Lee Elementary School* (Texas, EUA) e escolas brasileiras que implementaram espaços flexíveis – o estudo evidencia que a inovação depende da capacidade humana de compreender e ativar o potencial dos ambientes. Os resultados mostram que, na Lee Elementary, a cultura colaborativa e a formação contínua resultaram em alunos mais tranquilos, autônomos e engajados, com baixíssima incidência de problemas de comportamento e desempenho acadêmico superior à média distrital. Conclui-se que ambientes saudáveis dependem de pessoas preparadas, e que a formação docente é a base para a promoção da saúde e da qualidade de vida nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Ambientes escolares. Saúde. Bem-estar. Inovação educacional.

THE ROLE OF TEACHER TRAINING IN PROMOTING HEALTH AND WELL-BEING IN INNOVATIVE SCHOOL ENVIRONMENTS

ABSTRACT: School architecture has been recognized as a key factor influencing student well-being and learning outcomes. However, the mere creation of innovative environments does not guarantee transformative pedagogical practices. This study discusses the role of teacher training as a central element in promoting health and well-being in innovative school environments. Based on two contrasting contexts — the *Lee Elementary School* (Texas, USA) and Brazilian schools that have implemented flexible learning spaces — the analysis demonstrates that innovation depends on the human capacity to interpret and activate the potential of these spaces. Findings reveal that, at Lee Elementary, collaborative culture and continuous professional development resulted in calm, autonomous, and engaged students, with low levels of behavioral issues and academic performance above the district average. It is concluded that healthy learning environments depend on prepared people and that teacher education is the foundation for promoting health, emotional balance, and quality of

life within schools.

KEYWORDS: Teacher training. School health. Innovation.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, escolas no Brasil e em diversos países têm investido significativamente em ambientes de aprendizagem inovadores como estratégia para promover metodologias ativas, o engajamento e o bem-estar. Esses espaços — caracterizados por mobiliário flexível, tecnologias digitais, transparência e áreas colaborativas — pretendem substituir o modelo tradicional de sala de aula, baseado na linearidade e no controle do tempo e do corpo dos estudantes.

Entretanto, um número crescente de estudos demonstra que a inovação arquitetônica, isoladamente, não é capaz de gerar mudanças significativas na aprendizagem ou na saúde escolar (NAIR, 2019; CANNON DESIGN; VS FURNITURE; BRUCE MAU DESIGN, 2010). Sem formação continuada e uma cultura pedagógica coerente, professores tendem a reproduzir práticas tradicionais em novos ambientes — reorganizando carteiras, bloqueando áreas abertas e reduzindo a autonomia discente. Assim, o potencial transformador do espaço é neutralizado por hábitos e crenças educacionais enraizados.

Como afirma Nair (2019), “a maior mudança não é física, é mental”. Essa ideia reforça a compreensão de que a inovação educacional é essencialmente humana: depende do preparo, da intencionalidade e da mentalidade dos profissionais que habitam o ambiente escolar. A ausência dessa formação gera não apenas estagnação pedagógica, mas também impactos negativos na saúde mental e no bem-estar de docentes e alunos — como estresse, frustração e sensação de inadequação.

Por outro lado, quando os espaços são compreendidos como ambientes de cuidado e pertencimento, podem funcionar como fatores de proteção à saúde, favorecendo vínculos, cooperação, movimento e autorregulação emocional (BLUYSSSEN, 2020; LEKSY et al., 2024). Esse entendimento amplia a noção de “educação em saúde”, integrando as dimensões ambientais e relacionais ao conceito de saúde coletiva, conforme os princípios da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da promoção da saúde escolar.

O presente capítulo parte dessa perspectiva e analisa dois contextos contrastantes:

1. A **Lee Elementary School**, em Coppell, Texas (EUA) — exemplo de escola que utiliza seus ambientes inovadores de forma intencional e integrada à pedagogia;
2. O **contexto brasileiro**, em que iniciativas semelhantes, como salas maker ou flexíveis, frequentemente falham por falta de preparo docente e clareza institucional.

O objetivo é demonstrar que a inovação espacial só se converte em inovação pedagógica — e, portanto, em promoção da saúde e do bem-estar — quando acompanhada por formação continuada, liderança pedagógica e cultura colaborativa. A discussão evidencia que ambientes saudáveis dependem de pessoas preparadas, e que a formação docente constitui a base da sustentabilidade e da saúde das comunidades escolares.

OBJETIVO

Analisar a relação entre a formação docente e a promoção da saúde em ambientes escolares inovadores, comparando práticas bem-sucedidas da Lee Elementary School (EUA) com experiências brasileiras de implantação de espaços flexíveis e de salas maker.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, com foco na análise da relação entre o ambiente físico escolar, as práticas pedagógicas e a promoção da saúde. A investigação se baseia em dois estudos de caso contrastantes: a Richard J. Lee Elementary School (Coppell ISD, Texas, EUA) e experiências brasileiras de implantação de espaços inovadores em escolas públicas e privadas.

O recorte metodológico privilegia a compreensão de como as pessoas interpretam e utilizam o espaço educacional, e de que modo essa apropriação influencia o clima escolar, o bem-estar coletivo e a cultura institucional. A metodologia combina observação direta, análise documental e revisão bibliográfica.

Estudo de Caso 1 - Lee Elementary School

Os dados referentes à Lee Elementary foram obtidos por meio de visita técnica presencial realizada em setembro de 2025, no contexto da disciplina EDLE 6530: School Facilities, do programa de doutorado em Educational Leadership da University of North Texas (UNT), ministrada pelo professor Dr. Stephen Waddell. A visita contou com acompanhamento da equipe gestora e docente da escola, incluindo relatos, demonstrações de uso dos ambientes e observações in loco das dinâmicas pedagógicas.

Durante a visita, foram realizados registros descritivos, anotações de campo e documentação fotográfica, com ênfase nas interações entre o espaço, o comportamento e a aprendizagem. As falas de professores e líderes escolares foram registradas com autorização verbal e tratadas como dados qualitativos de observação direta.

Exemplo de citação no texto:

“O espaço não faz a escola — são as pessoas que a fazem funcionar” (dados de campo da autora, 2025).

Esses dados foram posteriormente analisados de forma interpretativa, à luz da literatura sobre ambientes de aprendizagem inovadores (NAIR, 2019; The Third Teacher, 2010) e de referenciais sobre saúde e bem-estar escolar (BLUYSSSEN, 2020; LEKSY et al., 2024).

Estudo de Caso 2 - Contexto brasileiro de espaços inovadores

O segundo eixo analítico apoia-se em fontes secundárias — artigos científicos, dissertações e relatórios sobre a implementação de salas maker e de ambientes flexíveis no Brasil (BLIKSTEIN; VALENTE, 2020; MENEZES, 2023). Esses materiais documentam as dificuldades enfrentadas por escolas que, mesmo contando com infraestrutura inovadora,

não alcançaram mudanças pedagógicas significativas devido à ausência de formação docente e de suporte institucional.

A análise comparativa entre os dois contextos permite identificar fatores determinantes do sucesso ou do fracasso de ambientes inovadores, com destaque para a formação, a liderança e a cultura de uso dos espaços. Essa triangulação empírica e teórica buscou compreender o papel da formação docente como estratégia de promoção da saúde e do bem-estar coletivo no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espaços escolares e cultura de uso: o ambiente como reflexo da formação docente

Os resultados deste estudo indicam que a relação entre inovação espacial e qualidade educacional depende fortemente da cultura institucional e da formação das pessoas que compõem o ambiente escolar. A arquitetura, por si só, não transforma práticas — ela apenas cria condições para que novas práticas sejam possíveis. Como observa Nair (2019), “a arquitetura escolar pode facilitar ou impedir a aprendizagem, mas é o comportamento humano que lhe confere significado”. Assim, o espaço se torna um espelho da cultura pedagógica: quando o corpo docente é preparado e engajado, o ambiente se converte em um instrumento de bem-estar, criatividade e colaboração; quando não há formação ou clareza de propósito, a inovação física é rapidamente absorvida pela tradição pedagógica.

Essa perspectiva reforça o conceito de *The Third Teacher* (CANNON DESIGN; VS FURNITURE; BRUCE MAU DESIGN, 2010), segundo o qual o ambiente atua como um “terceiro educador”, influenciando comportamentos, vínculos e atitudes tanto quanto o currículo e o professor. Portanto, compreender o espaço como componente ativo do processo de ensino-aprendizagem é essencial para a promoção da saúde e do bem-estar na escola.

Caso 1 – Lee Elementary School (Texas, EUA): Quando a formação transforma o espaço

a) Contextualização da escola

A escola pública Richard J. Lee Elementary School, localizada em Coppell, Texas, e projetada pela Stantec, é considerada um marco no design educacional sustentável e centrado no aluno. Inaugurada em 2014, foi a primeira escola *net-zero energy* do estado — ou seja, opera com energia 100% renovável e produz tanto quanto consome (STANTEC, 2014). O projeto privilegia a iluminação natural, a ventilação cruzada, o conforto térmico e acústico, além de tecnologias sustentáveis implementadas pela CMTA (2015).

A escola é organizada em “learning houses”, pequenas comunidades de aprendizagem interconectadas que substituem as salas de aula tradicionais. Nelas, alunos de diferentes idades compartilham espaços de estudo, laboratórios, áreas de convivência e estúdios de criação. O modelo pedagógico baseia-se na aprendizagem por desafios (challenge-based

learning), na colaboração e no movimento (COPPELL INDEPENDENT SCHOOL DISTRICT, 2024).

Figura 1: Learning houses da Richard J. Lee Elementary School, Coppell, TX



Fonte: <https://dallasinnovates.com/cypress-waters-educating-for-the-future/>.
Dallas Innovates, 2024).

b) Evidências de uso intencional e seus efeitos

Durante a visita de campo (TREVISAN, 2025), observou-se que os professores dominam o propósito pedagógico dos ambientes e os utilizam de forma intencional. O espaço não é visto como cenário, mas como uma ferramenta ativa de ensino. As atividades fluem entre zonas de colaboração, locais de reflexão silenciosa e áreas experimentais, conforme a necessidade da aprendizagem.

Relatos indicam que os problemas de comportamento são raros e que os alunos demonstram alto nível de autonomia e de cooperação. A equipe escolar associa diretamente essa harmonia à liberdade de movimento, à diversidade de espaços e à clareza das expectativas pedagógicas. Como afirmou um dos líderes durante a visita: *“O espaço não faz a escola — são as pessoas que a fazem funcionar”* (TREVISAN, 2025, p. 4).

Apesar de não focar em testes padronizados, a Lee Elementary apresenta desempenho acadêmico consistentemente superior à média do distrito (Niche, 2024). Segundo os docentes, esse resultado é consequência indireta de um ambiente saudável e emocionalmente equilibrado, e não de um ensino centrado em métricas.

c) Interpretação: o ambiente como promotor de saúde e bem-estar

O caso da Lee Elementary demonstra que o uso intencional de espaços inovadores está diretamente associado a indicadores concretos de bem-estar e saúde escolar. Ambientes bem iluminados, silenciosos e flexíveis reduzem tensões, favorecem autorregulação

emocional e estimulam a colaboração entre pares. Essa configuração apoia tanto a saúde mental dos estudantes quanto o equilíbrio emocional dos docentes, reduzindo o estresse e fortalecendo o senso de pertencimento.

Conforme Bluysen (2020), ambientes escolares saudáveis atuam como fatores protetores de saúde mental, prevenindo sintomas de fadiga, ansiedade e sobrecarga. Assim, a Lee Elementary exemplifica como o design físico, aliado à formação docente, pode gerar um ciclo virtuoso de saúde, aprendizagem e satisfação coletiva.

Caso 2 – Ambientes inovadores no Brasil: quando o espaço não transforma a prática

Em contraste, diversas escolas brasileiras que receberam “Salas Google”, “Salas Maker” ou espaços flexíveis têm enfrentado dificuldades para integrá-los às práticas pedagógicas. Estudos apontam que, embora essas iniciativas tragam inovações tecnológicas e arquitetônicas, seu impacto é limitado quando os professores não compreendem seu propósito educacional (BLIKSTEIN; VALENTE, 2020).

Em muitos casos, o mobiliário modular é reorganizado em fileiras, os painéis móveis permanecem fechados e os equipamentos tecnológicos acabam subutilizados (MENEZES, 2023). Essa reversão reflete não apenas resistência, mas também insegurança profissional diante de novas abordagens de ensino. Sem formação adequada, o espaço inovador é reinterpretado de forma tradicional, o que anula seu potencial para promover engajamento e bem-estar.

Além disso, a ausência de suporte institucional e liderança pedagógica agrava o problema. Professores relatam sobrecarga e frustração, o que impacta diretamente a saúde mental e o clima escolar. Assim, a inovação física, sem inovação humana, pode se converter em fonte de estresse e desmotivação, em vez de estímulo à criatividade.

4.4. Análise comparativa — duas realidades, um mesmo princípio.

Dimensão	Lee Elementary (EUA)	Escolas com salas flexíveis/ maker no Brasil
Formação docente	Contínua, colaborativa, reflexiva	Insuficiente e técnica
Cultura escolar	Centrada no aluno, flexível e empática	Tradicional e hierarquizada
Uso do espaço	Intencional e diversificado	Revertido ao modelo frontal
Impacto na saúde e bem-estar	Engajamento, pertencimento, baixa incidência de conflitos	Estresse, frustração e desperdício de recursos
Resultados acadêmicos	Superiores à média distrital	Pouco impacto em aprendizagem

Os dois casos ilustram o mesmo princípio: a inovação não reside no espaço físico, mas na formação das pessoas. Na Lee Elementary, a cultura de uso e a liderança colaborativa transformam o edifício em um ambiente de bem-estar e aprendizagem; no caso brasileiro, a ausência dessa cultura neutraliza o potencial do espaço e, em alguns casos, agrava tensões e insatisfações.

Implicações para a Educação em Saúde e Formação Docente

A formação docente para o uso consciente do espaço é uma estratégia de promoção de saúde coletiva. Professores bem preparados constroem ambientes emocionalmente seguros e socialmente equilibrados, o que favorece o desenvolvimento integral dos estudantes e reduz comportamentos disruptivos. A literatura reforça que escolas com cultura colaborativa e espaços bem utilizados apresentam menores índices de estresse e maior bem-estar psicológico (LEKSY et al., 2024).

Assim, as políticas de inovação educacional devem considerar o fator humano como prioridade. Investimentos em infraestrutura, sem investimento em cultura e formação, resultam em desperdício e frustração. O sucesso da Lee Elementary sugere que ambientes escolares inovadores só se tornam eficazes quando acompanhados de processos formativos contínuos e de lideranças sensíveis ao cuidado e à saúde mental.

Em síntese, a promoção da saúde no contexto escolar requer a integração entre o ambiente, a prática pedagógica e a cultura institucional. A escola saudável é, antes de tudo, um espaço habitado por pessoas preparadas para cuidar umas das outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo demonstram que a educação em saúde, no contexto escolar, vai muito além dos conteúdos curriculares sobre prevenção e hábitos saudáveis. Ela se concretiza no modo como a escola é vivida — nos vínculos, nos espaços e nas práticas diárias que promovem bem-estar coletivo. A análise dos dois casos investigados evidencia que a arquitetura educacional pode ser um poderoso instrumento de promoção da saúde, desde que utilizada por pessoas preparadas para interpretar e ativar seu potencial humano.

Na Lee Elementary School, observou-se que a formação docente intencional e a cultura colaborativa criaram um ambiente de equilíbrio emocional e de pertencimento. Professores utilizam o espaço para favorecer o movimento, a escolha, a convivência e a autorregulação. O resultado é perceptível: alunos tranquilos, seguros, com baixíssima incidência de problemas de comportamento, níveis reduzidos de estresse e ansiedade e desempenho acadêmico acima da média distrital, mesmo sem foco em testes padronizados. Esses indicadores confirmam que ambientes saudáveis produzem pessoas saudáveis e que o bem-estar é um pré-requisito para a aprendizagem de qualidade.

Essas evidências reforçam o princípio de que a promoção da saúde na escola depende da coerência entre o espaço, a cultura e a formação. Quando o ambiente favorece a autonomia e o cuidado mútuo, atua como um fator protetor da saúde mental e social,

reduzindo o risco de adoecimento emocional e ampliando a sensação de pertencimento. Esse tipo de experiência materializa uma educação em saúde ampliada, que abrange as dimensões físicas, psíquicas e relacionais do viver escolar.

Por contraste, o caso brasileiro revela que a ausência de preparo docente e de suporte institucional pode gerar o efeito oposto: espaços inovadores que se tornam fontes de frustração, ansiedade e sobrecarga, afastando a escola de seu papel de promotora de bem-estar. A falta de clareza pedagógica e de formação continuada impede que professores e alunos se apropriem positivamente do ambiente, perpetuando um modelo de ensino que prioriza o controle em detrimento do cuidado.

Conclui-se que a inovação educacional é uma forma de educação em saúde. Quando o espaço escolar é utilizado com intencionalidade e cuidado, ele estimula o desenvolvimento integral, reduz tensões, fortalece vínculos e previne o adoecimento. Portanto, políticas públicas e projetos institucionais que busquem escolas inovadoras devem incluir, de maneira indissociável, a formação docente voltada à promoção da saúde, do bem-estar emocional e do sentido de pertencimento.

Em síntese, ambientes saudáveis dependem de pessoas preparadas, e pessoas saudáveis se formam em ambientes que acolhem, escutam e educam para a convivência. Essa é a essência da educação em saúde — uma pedagogia do cuidado, do equilíbrio e da vida.

REFERÊNCIAS

- BLIKSTEIN, Paulo; VALENTE, José Armando. **Educação maker: onde está a construção do conhecimento?** São Paulo: TLT Lab, 2020.
- BLUYSSSEN, Philomena. **Healthy learning environments for children**. London: Routledge, 2020.
- CANNON DESIGN; VS FURNITURE; BRUCE MAU DESIGN. **The third teacher: 79 ways you can use design to transform teaching and learning**. New York: Abrams, 2010.
- CMTA. **Case study: Richard J. Lee Elementary School – Coppell ISD**. Kentucky: CMTA, 2015.
- COPPELL INDEPENDENT SCHOOL DISTRICT. **About Richard J. Lee Elementary**. Coppell ISD, 2015. Disponível em: <https://www.coppellisd.com/o/lee>. Acesso em: 5 dez. 2025.
- LEKSY, Karolina et al. **Health-promoting leadership and collective well-being in school settings**. *Frontiers in Education*, v. 9, p. 145–160, 2024.
- MENEZES, Maria Eduarda de Lima. **A cultura maker na educação básica: desafios da inovação escolar**. São Paulo: PUC-SP, 2023.
- NAIR, Prakash. **Blueprint for tomorrow: redesigning schools for student-centered learning**. Cambridge: Harvard Education Press, 2019.
- STANTEC. **Richard J. Lee Elementary School project overview**. Dallas: Stantec, 2014. Disponível em: <https://www.stantec.com/en/projects/united-states-projects/r/richard-j-lee>

elementary. Acesso em: 5 dez. 2025.